

**ZERO**  
ESPECIAL



SEBASTIÃO

# SALGADO

"Se eu não fotografasse  
não poderia  
realmente viver"



# O FOTÓGRAFO

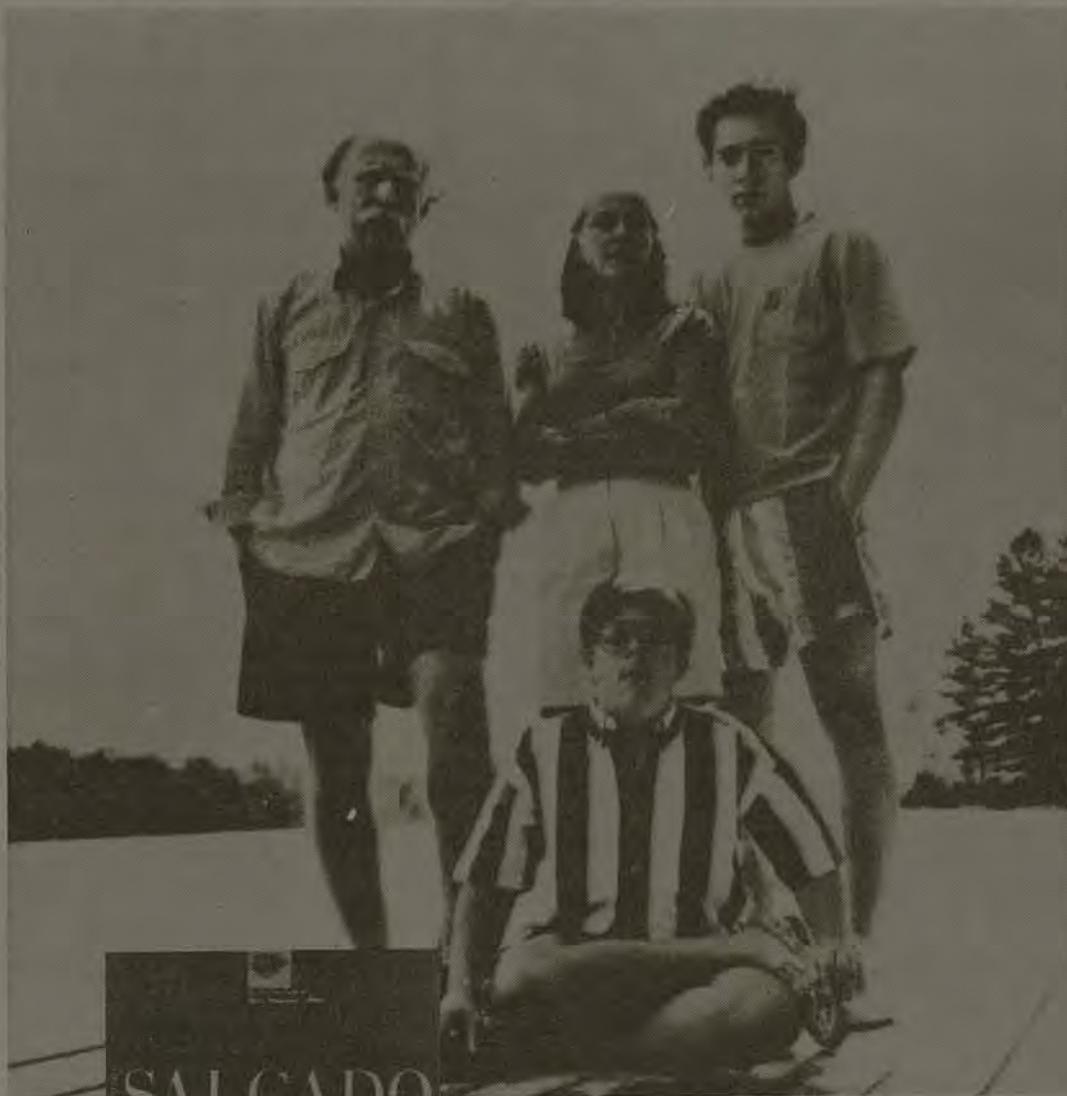
2  
Z  
D  
E  
Z  
E  
M  
B  
R  
O  
9  
3

**S**ebastião Salgado, mineiro de Aimorés, hoje com 49 anos é considerado um fotógrafo da magnitude de Cartier Bresson e Eugene Smith. A crítica especializada se divide ao classificar o trabalho dele. Seja como for, suas fotos o fizeram famoso em todo o mundo.

Trabalhadores e a condição humana são os temas mais freqüentes em seu trabalho. Sua câmera já retratou os mineradores de Serra Pelada, as vítimas da fome na Etiópia, lavradores da América Central e do Sul, cortadores de cana, metalúrgicos e até a ruína humana e ecológica da Guerra do Golfo.

Economista de formação, Salgado tirou sua primeira foto aos 26 anos com uma câmera que sua mulher, Lélia lhe presenteou. O casal morava em Paris e a intenção de Lélia, que é arquiteta, era que o marido fotografasse a arquitetura local. A experiência lhe trouxe tanto prazer que nunca mais parou. Montou um laboratório em sua casa onde revelava fotos para os amigos. Com o dinheiro

comprava mais equipamento. Aos 29 anos tornou-se fotojornalista entrando para a agência Sygma, e mais tarde para a agência Gamma onde trabalhou por quatro anos. Em 1979 associou-se à Magnum Photos criada por Henri Cartier Bresson em 1947, vindo a ser seu presidente. O trabalho mais recente de Sebastião Salgado pode ser visto, desde o início de dezembro, no Royal Festival Hall em Londres. A exposição **Trabalhadores** freqüentou este ano alguns dos melhores museus do mundo. O conjunto de mais de 200 fotos já foi exposto no Museu de Arte da Filadélfia, no Centro Nacional da Fotografia em Paris, e em museus de Madri e Tóquio. As fotos, escolhidas pelo fotógrafo e sua mulher Lélia, são uma volta ao mundo pelo universo dos trabalhadores. Em preto e branco a terra está sempre presente. Ainda que muitas vezes estes trabalhadores não vejam o produto final de seus esforços, a dignidade acompanha suas expressões nos registros de Salgado. Freqüentemente o branco é um cinza sombrio e as impressões densas: lembra Eugene Smith.



Salgado, sua esposa Lélia e seus filhos Rodrigo (sentado) e Juliano



## Os Livros

Há maneiras mais fáceis de acompanhar o trabalho do fotógrafo brasileiro. No ano passado a Boccato Editores lançou **As melhores fotos de Sebastião Salgado** com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. O livro reúne 41 fotos. Este ano, em Paris, as edições La Martinière publicou de Sebastião Salgado **"La main de l'homme"** (a mão do homem.) Em português a mão do homem, que também é o tema da exposição, deverá se chamar os **Trabalhadores**. A edição é um verdadeiro capricho gráfico. Muito bem diagramado, reúne 400 páginas, algumas desdobráveis. Apesar de já ter nome em português não há sinal de sua aparição no Brasil.

**"Não quero meu trabalho resenhado em revistas como um estudo estético"**

**F**otografando em preto e branco por quase 80 países, Salgado tornou-se um dos mais premiados fotógrafos da atualidade. Entre os mais importantes, destacam-se: Prêmio Eugene Smith pela fotografia humanista (EUA) em 1982; Prêmio Oskar Barnack (Alemanha) em 1985 e 1992; Prêmio de fotografia Ibero Americana (Espanha) em 1986; "Fotojornalista do ano", do International Center of Photography (EUA) em 1986 e 1988; Fotógrafo do ano, American Society of Magazine Photography (EUA) em 1988; Erich Salomon Prize (Alemanha) em 1988; Prêmio "Rey de España" (Espanha) em 1988; Prêmio Erna e Victor Hasselblad (Suécia) em 1989; The Commonwealth Award (EUA) em 1991; "Le Grand Prix de la Ville de Paris" em 1991.

Chico Sander

**"Eu fotografo com minha ideologia"**

# O REPÓRTER

Rolling Stone ©

**D**esde W. Eugene Smith e Henri Cartier-Bresson não houve um fotógrafo e ensais-

ta da magnitude de Sebastião Salgado. O brasileiro de 47 anos é o economista que virou jornalista e é conhecido pelas suas fotos perturbadoras e dramáticas. Entre seus temas inclui as vítimas famintas da África, milhares de maltrapilhos, mineradores de ouro cobertos de lama puxando sacos de terra nas estreitas escadas de Serra Pelada, lavradores que vivem em vilas afastadas na América do Sul e Central, trabalhadores braçais de todas as partes do mundo. Não que essas pessoas não tivessem sido tema de fotografias anteriormente. Mas jamais foram iluminadas com tão extraordinária profundidade, devoção e força catártica. Nos EUA, Salgado conseguiu pela primeira vez ser reconhecido com a extensa publicação da foto que tirou de John Hinckley no atentado contra Ronald Reagan. Cobrindo os cem primeiros dias do presidente para o New York Times Magazine, o fotógrafo sentiu que deveria sair do hotel por um momento. "As coisas aconteceram muito rapidamente na minha frente", disse ele, "mas eu estava batendo as fotos em câmera lenta. Bati 76 fotos em um minuto e meio. Eu estava numa velocidade diferente do que estava acontecendo na minha frente".

Casado há 24 anos, Salgado mora em Paris com a sua esposa, a arquiteta Lélia Deluiz Wanick e seus dois filhos. Seu charmoso apartamento, que Lélia desenhou, fica num prédio do século XVII numa vizinhança habitada por imigrantes árabes e africanos.

Depois de ter passado 17 horas por dia durante cinco dias ampliando as fotos que tirou no Kuwait, recebeu a revista Rolling Stone em sua casa na tarde de 10 de maio de 1991. Cabelos claros, olhos azuis, bigode, vestindo jeans desbotado, guarda-pó e camiseta de algodão, nos sentamos na cozinha. Depois de algumas cervejas, ele conversou num inglês pausado, mas ardente (sua quarta língua depois de português, espanhol e o francês), revelando o compromisso social e espiritual que informa o seu trabalho.



Combate aos incêndios nos poços de petróleo do Kuwait, 1991

**ZERO** - Quando você tirou sua primeira fotografia?

**SEBASTIÃO SALGADO** - Em 1970, quando eu tinha vinte e seis anos.

**Z** - E quando você era pequeno?

**S.SALGADO** - Eu nunca tive uma câmera quando jovem, eu morava numa pequena cidade no centro do Brasil chamada Aimorés, e era muito longe de tudo. Não tinha nem televisão lá. Ai um dia, eu me recordo do marido da minha irmã vindo da cidade com uma câmera. Mas as fotos que ele tirava eram difíceis pra revelar. Então depois de um tempo ele desistiu de fotografar.

Mais tarde, quando eu tinha vinte anos e estudava na cidade de Vitória - onde conheci minha esposa Lélia - muitos de nossos amigos fotografavam. Mas isso não me interessava. E assim foi até eu vir para Paris, em 1970.

**Z** - Soube que foi sua esposa quem lhe deu sua primeira câmera.

**S.SALGADO** - Ela é arquiteta, e quando ela me comprou a câmera, uma Asahi Pentax Spotmatic 2 - eu nunca me esquecerei

disso - foi para tirar foto de arquitetura. Ai um dia, olhando através de minha câmera, eu descobri o mundo.

**Z** - Quais foram suas primeiras fotos?

**S.SALGADO** - Em julho de 1970, Lélia e eu fomos passar o feriado na região de Haute-Savoie na França. Eu comprei alguns filmes coloridos e tirei fotos de Lélia e de algumas pessoas do local. Foi fantástico. Eu não sei se as fotos ficaram boas, mas me deu tanto prazer. Eu fiquei tão contente que quando voltei para Paris, comprei um pequeno ampliador - um Durst Laborator 1000 que uso até hoje - fiz um quarto escuro e comecei a revelar fotos para amigos e estudantes. Isto me possibilitou comprar mais filmes e mais lentes. E fiquei louco por fotografia. Foi um tipo de invasão.

**Z** - Uma invasão?

**S.SALGADO** - De modo que depois de dois anos, eu deixei a economia e virei fotógrafo profissional.

**Z** - Você ainda tem sua primeira câmera?

**S.SALGADO** - Em abril de 1971 eu estava na Holanda e a

câmera foi roubada. Era uma câmera tão boa, a única que perdi, um sonho que entrou na minha vida e partiu. Então eu e a Lélia vendemos algumas coisas e compramos uma Nikon F, que era muito cara naquela época. Mas era uma necessidade. A câmera tinha se tornado parte da minha vida.

**Z** - Uma nota biográfica sobre você, dizia que ao invés de escrever relatórios econômicos, "deixando de ser um cientista social", você preferiu fotografar as pessoas que ia conhecendo. É comum se ouvir que a fotografia "tira" ou "destaca" o fotógrafo do objeto fotografado, tanto que geralmente se ouve dizer que o "fotógrafo é um super turista".

**S.SALGADO** - Sim, de fato, há fotografias deste tipo. Se você for pro Kuwait, como eu fui em abril de 1991 só para tirar umas fotos do que já se conhece, os poços queimando, alguns homens suando ou os militares na ronda... bem, você encontra fenômenos fotográficos bem na sua frente. Então você tenta encontrar a melhor luz, melhor composição - você é um cara esperto - e quando você acha que o fenômeno está no seu ápice, você tira a foto. Ou então você se concentra nas pequenas partes do fenômeno, e cada vez que algo acontece você click, uma foto, click, outra foto, e daí por diante. E por um lado você tem o que estava procurando.

Mas tem uma forma bem diferente de trabalhar. Deste modo,



Lavradores, Equador, 1982



Serra Pelada, 1986



*Uma comunidade acima de Chimborazo, Equador, 1982*



*Um do time que trabalha nos poços de petróleo do Kuwait, 1991*



*Pescadores de atum usando método medieval de pesca, a Mattanza, Itália, 1991*



*Uma festa de casamento numa fazenda em Ile de la Réunion, no Oceano Índico, 1989*



*Um banquete de tubarões*

**ZERO**  
ESPECIAL

*"Acusar Sebastião Salgado de explorar as pessoas para fazer suas fotos dramáticas é o mesmo que acusar Marx de explorar o proletariado para escrever O Capital!"*

Peter Hamilton, do *Sunday Times*



*Mutirão para abertura de canal de irrigação no Rajastão, Índia, 1990*



*Trabalho formiga dos garimpeiros de Serra Pelada, 1986*



*Refugiados da Eritreia chegando ao Sudão, Sudão, 1984*



*Altiplano Andino, Peru*



*Ruína humana e ecológica após a guerra, Kuwait, 1991*

## Venho de um país subdesenvolvido e com problemas sociais. Minhas fotos refletem essa realidade

você não é o esperto, você tem pré-concepções sobre o que está na sua frente. O que você sabe é simplesmente automático. Você tem a câmera que é parte das suas mãos, parte dos seus olhos. Alí você entra na coisa sem julgar nada. Você não vem com a sua cultura americana, brasileira, ou seja qual for ela, presumindo: "isto é bom, isto é mau, isto é preto, isto é branco".

Você entra porque tem que entrar, é seu modo de vida. Você está lá para ver, ouvir, escutar, entender, integrar. Claro, você é um fotógrafo, e provavelmente chegará no mesmo ponto do cara que usa o que é externo. Mas agora você toca com o que vem de dentro. E então as fotos tem outra razão, outro significado. Porque no fim, não é o fotógrafo quem tira a foto, é a pessoa na sua frente que a dá

instrumento de comunicação entre as pessoas. Você precisa gastar muito de seu tempo aprendendo e absorvendo as coisas. E tem que estar disposto a viajar sozinho. Porque quando você entra em algum lugar com um grupo - até só com duas pessoas - você é uma entidade auto-suficiente e auto-protégida. E os outros não prestam atenção em você. Mas quando você está sozinho, as pessoas falam com você, te dão comida. Estar sozinho é voltar-se para dentro de si.

**Z - Já foi dito que "nada humano é estranho". Já teve alguma vez que você foi incapaz de apertar o botão da sua câmera?**

**S.SALGADO** - Quando estive recentemente no Kuwait, tinha um senhor de 65 anos de idade trabalhando em um dos poços em chamas, e de repente o óleo quente derreteu em seu corpo. Foi impossível para mim fotografá-lo daquele jeito, porque antes eu havia falado com ele e ele estava bem. Ele era um homem muito orgulhoso de si. Qualquer foto que eu tirasse iria reduzi-lo ao que ele não era, e estava perto que minha relação com ele seria destruída se tirasse aquela foto. Era impossível apertar o disparador, porque eu acredito que se a fotografia não faz o homem maior do que ele é, melhor não fotografar. As pessoas vítimas da fome que tenho fotografado, revelam sua dignidade e sua luta para sobreviver. Não acho que minhas fotos diminuam a qualidade da vida humana. E tem uma foto que guardo em minha mente, uma das melhores que já perdi de fotografar. Eu tenho trabalhado nos campos do Brasil, não muito longe de Brasília, e fui a um lugar onde vi um homem amarrado a uma árvore com uma corrente, como se fosse um cachorro. O homem era maravilhoso. Mas ter tirado aquela foto seria horrível para mim, porque eu estaria me utilizando da sua posição humilhante. Eu não teria ganho a fotografia, teria roubado-a. Então eu não a fiz.

**Z - A fotógrafa americana Diane Arbus disse: "você vê alguém na rua, e essencialmente o que você nota nela são seus defeitos". Nas suas fotos, inversamente, você parece notar o contrário.**

**S.SALGADO** - Deixa eu te dizer: na minha agência (a Magnum), trabalham mais ou menos 40 pessoas. Diane Arbus tem sua razão pessoal, para focar seu trabalho dessa forma. Por que você fotografa com sua mãe, com seu pai, com seus filhos, com sua escola, com seus amigos, com a chuva que cai em sua cabeça... com você por inteiro. Depende do que você é. Eu venho de um país subdesenvolvido onde os problemas sociais são muito grandes, e é inevitável que minhas fotos reflitam isso. Mas se você vem de uma sociedade economicamente desenvolvida onde as relações humanas são difíceis e pobres, então você deve entender o ponto de vista de Diane Arbus, e aceitá-lo. Cada pessoa está preocupada com seus próprios valores.

**Z - Suas fotos tem uma qualidade dramática que algumas vezes sugerem tanto o espírito das tragédias gregas, quanto narrativas bíblicas, como a paixão de Jesus.**

**S.SALGADO** - Eu venho de uma sociedade judaico-cristã, e no fim o que aprendemos da religião é cuidarmos do próximo. E quando vemos algo que nos leva para dentro do problema, é provavelmente uma conexão com o que nós aprendemos sobre religião quando éramos jovens. Como um adulto, não tenho nada a ver com a religião. Para mim, as fotografias tem a ver com o universo imaginário dentro da minha cabeça. Quando eu era pequeno por exemplo, tinha esses sonhos sobre as montanhas da Bolívia com ciclones por todos os lados. E um dia, quando eu finalmente fui a Bolívia, tirei fotos onde meus sonhos apareciam. Ideologia para mim não é política, é imaginário. É o que está dentro das suas células, de seus neurônios. Claro, eu entendo que muito do dramático está dentro de mim, e reconheço que minhas fotos são muitas vezes como um teatro. Eu não o preparo, é um teatro que existe dentro da minha cabeça.

**Z - E sobre as luzes visionárias de suas fotos?**

**S.SALGADO** - Eu adoro trabalhar contra a luz. Colocar as pessoas na frente da luz. É um desafio para mim fazer isso, é parte do elemento dramático das minhas fotos. Adoro a luz que você encontra nos filmes do Glauber Rocha e nas estórias do Garcia Márquez. Basta dar uma olhada nas fotos de fotógrafos mexicanos como Manoel Alvarez Bravo e Graciela Iturbide. Os dois tem este tipo de luz. Estamos na mesma família. Acho este um jeito latino de ver o mundo, é algo que não se pode ensinar, é parte de você. No Kuwait eu presenciei algo novo para mim, uma luz absolutamente inacreditável... uma luz apocalíptica. Durante o dia, o céu estava escuro como a noite, sem estrelas nem lua, somente uma fumaça preta. Algumas vezes uma fumaça rosa com poucos raios de luz apareciam. De vez em quando alguns desses raios tocavam as pessoas e desapareciam. A noite abria caminho para a noite. Era como se fosse o fim.

**Z - As conflagrações nos campos de óleo no Kuwait foram mostradas durante um bom tempo na TV, agora você não vê mais nada sobre o assunto.**

**S.SALGADO** - Eu tenho muita admiração pela televisão, ela ensina e explica muitas coisas. Mas a TV mostra o que está acontecendo

do, uma semana depois outras coisas estão acontecendo. Notícias são notícias. O incêndio nos campos de óleo não vão acabar pelo menos por dois ou três anos. E tem o chumbo que entra na atmosfera e está se espalhando todo o dia ao redor do mundo. Isto é um desastre. Mas se você passa rápido de um desastre para o outro, perde-se o senso do que é essencial. Eu acredito que deveriam existir reportagens

maiores, documentários, mostras fotográficas ou livros ilustrados que informassem melhor as pessoas sobre as coisas que acontecem.

**Z - Você tirou fotografias avulsas de pessoas morrendo de fome na África. E todo ano o número de famintos parece estar crescendo.**

**S.SALGADO** - Acredito que estamos apenas a um passo da evolução que nos levará ao desenvolvimento. Virá o tempo em que a humanidade estará preocupada com toda a humanidade, e todos os homens com todos os outros homens. Então descobriremos que a compaixão é a maior de todas as virtudes.

**Z - Como a compaixão poderá estar em todas as seis bilhões de pessoas de nosso planeta?**

**S.SALGADO** - Esta é uma realidade inacreditável. Mas há uma relação direta entre educação, desenvolvimento e crescimento populacional. Você vai até a Coreia do Norte e a taxa de natalidade é 2,5; na Coreia do Sul, onde houve investimento a taxa é de 5,1 - maior que a do Japão. É um problema econômico. Há uma grande transferência de rendimentos de um lado do mundo para outro. O preço do café, chocolate, cobre e ferro está diminuindo a cada ano, enquanto o preço do material industrializado está crescendo. A maior parte da população está trabalhando transferindo dinheiro para o resto do mundo. O terceiro mundo financia os países ricos. Isto não pode continuar. Nós vivemos muito bem aqui, precisamos mandar algo de volta. O dia em que houver empregos e comida em seus países, eles não migrarão e então a taxa populacional diminuirá. Pense só: o preço de um simples MIG-23 ou um F-16 pode comprar 1600 tratores. Ou pelos menos 10 ou 15 hospitais bem equipados. Imagine: 1000 aviões de guerra, 1 milhão de tratores. E com 1 milhão de tratores pode-se plantar comida para abastecer o mundo todo. Tem algo de errado com a humanidade atual. Mas acredito que a evolução tem a ver com a auto-correção, e a humanidade eventualmente vai se reparar sozinha.

Quando eu viajei a primeira vez para a África, em 1973, para cobrir a minha primeira história sobre a fome, tinham algumas pessoas da igreja protestante e católica que

estavam mais preocupadas com Deus do que com as pessoas morrendo em sua frente. Nós também tínhamos alguns

O valor de um F-16 compra 1600 tratores ou 15 hospitais. Há algo de errado com a humanidade

médicos com a gente, mas muito poucos. Mas quando eu fiz fotos sobre a fome em 1984-85, o número de jovens médicos e enfermeiras tinha aumentado em centenas, milhares. Pessoas das universidades dos Estados Unidos e Europa que tinham deixado seus empregos por dois meses para viajar para a Etiópia e Sudão.



A fome no deserto do Sahel, África

para você.

**Z - Vamos dizer que uma pessoa jovem chega para você e diz querer ser o tipo de fotógrafo que você acabou de descrever. O que você diria?**

**S.SALGADO** - Eu diria, que se você acredita mesmo que quer ser um fotógrafo - e eu estou falando de um fotógrafo, que é uma forma difícil de ganhar a vida - e for capaz de colocar sua mente neste objetivo 24 horas por dia, e respeitar a pessoa fotografada, e se você puder ver nobreza e dignidade em seus temas, então suas fotos serão fantásticas. Porque o lado técnico não é nada. É só uma variável que logo, logo se tornará uma constante: pouco a pouco você aprenderá a controlar a luz, as lentes, a câmera, tudo será automático. O problema é você acreditar que a fotografia é um

Eu lembro ter conhecido uma doutora que veio do Alasca para um campo de refugiados chamado El Fau, no Sudão. Isso foi em fevereiro de 1985. Ela chegou à tarde e foi transferida para o campo na manhã seguinte, onde muitas crianças estavam morrendo. Foi ali que vi aquela mulher, numa temperatura de 40 °C, trabalhando em ambiente fechado e chorando porque a situação estava difícil e exaustiva. Dois dias depois eu a vi de novo, e desta vez tudo já era parte de sua vida. Foi incrível. Para mim foi um sinal que alguma coisa estava começando a acontecer com a humanidade.

**Z - Algumas das fotografias que você tirou dos famintos na África parecem questionar "qual a linha que divide o humano do sub-humano"?**

**S.SALGADO** - As pessoas que fotografei não estão abaixo desta linha. Veja, a foto que bati do menino africano sendo pesado numa balança para determinar a quantidade de ração que ele precisava. Se alimentasse aquela criança por uma semana, você não acreditaria que aquela era a mesma pessoa, e em três semanas ficaria tão forte quanto uma de minhas crianças. Mas eu já vi pessoas abaixo desta linha. Sub-humanas. Nos metrô de Nova York vi pessoas jogadas nas plataformas, sem nenhuma esperança, nenhuma compreensão. Com milhares de pessoas passando entre elas. Estas pessoas são realmente solitárias. Elas estão dez vezes pior do que aquele menino na balança. As pessoas dizem: "você fotografa miséria". Eu rebato: "Eu não fotografo miséria, só pessoas que não tem bens materiais ou comida. Mas eles tem esperança e lutam para conseguir

algo melhor". As pessoas que fotografo tem fome, mas não estão sozinhas.

**Z - Depois de anos fotografando os pobres e oprimidos, a noção de karma parece plausível para você?**

**S.SALGADO** - Lembre-se que venho de um lugar onde a morte faz parte da vida. No nordeste do Brasil, muitas partes do Peru e Índia, ou muito da África, a morte parece ser um tipo de passagem de uma vida para outra. As pessoas realmente acreditam nisto. Agora, sobre o karma, seria necessário falar com mais tempo. As viagens e experiências que tive, as pessoas que já fotografei,

todos os tipos de coincidência - coisas aconteceram na minha frente que me deram arrepios e me fizeram tremer. Mas não posso falar sobre

isso com você, não é algo que se possa falar.

Como já disse, acredito que a humanidade é um tipo de evolução - nós não chegamos no ponto final ainda. E muitas coisas que vão ocorrer neste desenvolvimento, possibilitarão a comunicação espiritual, transmissão por outra força.

**Z - Você acha que a fotografia é esta forma de transmissão?**

**S.SALGADO** - Nós usamos coisas materiais, câmera e papel - para transmitir o que a câmera capta. A fotografia é usada só como documento, isto não é nada. Integração material não é realmente integração. Porque os olhos de uma pessoa são bonitos, por exemplo? Isto ocorre quando o contato humano é criado. Eu fotografo porque se eu não o fizesse, não poderia realmente viver. Para mim, fotografia como meio de vida é espiritual.

Eu não fotografo miséria, só pessoas que não tem bens materiais ou comida



**Entrevista Jonathan Cott** *Determinando a quantidade de ração, Etiópia, 1985*



*Refugiados Korem se escondem dos aviões da força aérea, Etiópia, 1985*

**ZERO ESPECIAL**

**DIREÇÃO DE ARTE**

Chico Sander  
Ricardo Barreto  
Sílvia Pereira

**EDIÇÃO**

Chico Sander  
Ricardo Barreto

**EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA**

Sílvia Pereira

**ENTREVISTA**

Jonathan Cott

**FOTOGRAFIA**

Lauro Maeda

**LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO**

Lauro Maeda  
Pablo Claudino

**REVISÃO**

Jaime Luccas

**TEXTOS**

Chico Sander

**TRADUÇÃO**

Cristiane Miranda

**COPYRIGHT**

Rolling Stone



*Salgado e o filho Rodrigo (autista)*



*Trabalhadores da mina de estanho em Potosi, Bolívia, 1983*



*Pulverizando a lavoura, Projeto Jari, Brasil, 1985*



*Lançamento de navio em Gdansk, Polônia*

*Montagem do porta-aviões Charles de Gaulle, França, 1990*



*Navio esperando desmantelamento, Bangladesh, 1980*